YUMI GOSSO

**PEXE OXEMOARAI:
BRINCADEIRAS INFANTIS ENTRE OS
ÍNDIOS PARAKANÃ**

*Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutor em
Psicologia.*

Área de concentração: Psicologia Experimental

Orientadora: Emma Otta

**São Paulo
2004**

**PEXE OXEMOARAI:
BRINCADEIRAS INFANTIS ENTRE OS
ÍNDIOS PARAKANÃ**

YUMI GOSSO

BANCA EXAMINADORA

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

Tese defendida e aprovada em: 24/02/2005

*Às crianças indígenas,
principalmente aos konomia Parakanã,
que fazem parte de uma minoria
encantadoramente especial.*

Aos meus pais, pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Emma Otta, orientadora e cuidadora, pela amizade, respeito, confiança e valorização do meu trabalho. Ser sua orientanda foi um grande prazer. Aprendi muito durante a nossa convivência e sou grata por tudo isso;

À Profa. Dra. Vera Silvia Raad Bussab pelo apoio e pelas contribuições não só durante o grupo de estudo, mas também no exame de qualificação;

Ao Prof. Dr. Fernando Leite Ribeiro pelo respeito, estímulo, apoio e sugestões durante nossas conversas informais a respeito de outros povos indígenas;

Ao Prof. Dr. Renato Queiroz pelas ricas sugestões antes, durante e após o exame de qualificação;

À Profa. Dra. Ana Maria Almeida Carvalho pelo carinho, por oferecer apoio ainda durante a seleção para o Doutorado e pelo convite para participar de seu livro;

Ao Prof. Dr. Fernando Augusto Ramos Pontes pelo incentivo para que eu ingressasse no Doutorado;

Ao Dr. Peter Smith pelo carinho, envio de trabalhos seus e de seus colegas e pelo convite para participar de seu livro;

Ao Sr. José Porfírio Carvalho, coordenador do Programa Parakanã, pela confiança e permissão para que o presente trabalho pudesse ser realizado;

Ao Sr. Marcelo Cavalcante e Sr. Reginaldo Portela, gerentes do Programa Parakanã, pela hospitalidade e apoio durante a minha permanência na Terra Indígena Parakanã.

Ao Ms. Cláudio Emídio-Silva, coordenador de educação do Programa Parakanã e grande amigo, cujo apoio foi fundamental principalmente durante a coleta de dados;

Ao Dr. Raimundo Camurça de Menezes por fornecer dados da área de saúde dos índios Parakanã que permitiram complementar as informações sobre demografia;

A todos os funcionários do Programa Parakanã que contribuíram direta ou indiretamente para que este trabalho fosse concretizado, principalmente aqueles com os quais convivi durante a minha permanência na aldeia Paranowaona e aos que prestaram grande auxílio durante o curso que ministrei aos *awaete* em março de 2003, especialmente a Ana Zélia Almeida e a Arlete de Oliveira;

A todos os monitores *awaete* que participaram do curso que ministrei e às lideranças das aldeias Maroxewara, Inaxyganga e Itaygo'a, que sediaram o curso;

A todos os *awaete*, especialmente aos *konomia* e *otyaro* Parakanã, por me aceitarem em seu mundo e pela agradável e inesquecível convivência;

À Maria de Lima Salum e Moraes, colega de curso e de “brincadeiras”, pelas contribuições, generosidade e discussões sobre as categorias de brincadeira;

Ao Dr. José Sávio Leopoldi, pelo interesse, preocupação e envio de referências que foram muito valiosas;

Aos amigos Cristina Fontella, Jairton Silveira, Sonia Blanco e, especialmente a “minha irmãzinha”, Cibele Biondo, com os quais dividi um apartamento ao longo do doutorado e que alegraram o meu dia a dia, tornando a vida longe da família mais animada e menos solitária. Obrigada por todas as coisas que dividimos, principalmente as mais difíceis;

Aos alunos de graduação em Psicologia, Caroline Hara, Daniele Licciardi, Fernanda Buckeridge, Márcio Amadeu e especialmente à Izabel Almeida e ao Luis Saraiva, pelo empenho em trabalhar com as brincadeiras de pequenos paulistanos e, assim, contribuírem para o meu aprendizado;

Aos funcionários do Departamento de Psicologia Experimental, Alexandre, Ana Laura, Pedro e Sônia, pelo apoio e auxílio na resolução de problemas burocráticos;

Às bibliotecárias do IPUSP, especialmente a Célia, que sempre foram muito atenciosas;

A Gisele Zago e ao João Carlos Otta, pelo auxílio técnico.

À grande amiga Mônica Tsuno, pelo carinho, companheirismo, apoio em todos os momentos. Tê-la como amiga é um grande privilégio;

Ao amigo Kleber Faro, sou grata pela amizade e pelo apoio nos momentos difíceis;

À Olga Cepeda e Zoraida de Faria pelo auxílio nas traduções de alguns trabalhos;

Aos amigos Marinalva Oliveira, Arley Costa, Walewska Monteiro, Biraelson Corrêa, Cláudio Trindade, Ana Sylvia Gonçalves, Edna Leitão, Patrícia Martins, Idaísa Novaes, Lenora Brito, Lúcia Uchôa, Nancy Vargas, Nilda Toscano, Renata Teixeira, Carlos Nunes, Alexandre Santille, Gabriela Silva, Marina Monzani e Rita Almeida, pela torcida, apoio e pelo ombro amigo durante as diferentes fases do meu doutorado;

Aos novos amigos que têm dado muitas “Razões e Motivos” para alegrar esta última etapa do doutorado. Obrigada pelo incentivo e um carinho especial para o nosso querido Gordo;

Aos tios, Azuma e Katsuko, primos, Takeo e Toshio, e vovó Mitsuko, pelo apoio, carinho e acolhida nos poucos fins-de-semana que pude passar com eles;

Aos meus queridos pais, Susumu e Marie, e ao meu irmão Jun, minha pequena grande família que mesmo vivendo muito longe sempre estiveram comigo, demonstrando muito afeto, confiança, valorizando o meu trabalho e vibrando comigo a cada nova conquista. Agradeço a vocês por tudo o que sou, hoje e sempre;

Ao CNPq, cujo auxílio financeiro foi fundamental para realização do presente trabalho.

“Para poder conhecer realmente outros grupos humanos, é preciso fazer um esforço para aprender como eles vêem a vida. Conhecer o que os fatos, as experiências, as situações significam para eles. Ao fazer isso, é sempre bom comparar com o que é familiar para nós. Vamos encontrar muitas coisas em comum porque, afinal, somos todos humanos. Mas ao comparar é preciso também saber respeitar as diferenças. E o direito do outro ser diferente, falar diferente, viver diferente, pensar diferente. Lá do jeito dele”.

Aracy L. da Silva

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	xi
LISTA DE TABELAS	xv
RESUMO	xvii
ABSTRACT	xviii
APRESENTAÇÃO	xix
 1- O ESTUDO DE CAÇADORES-COLETORES.....	 1
1.1) Caçadores-coletores: uma sociedade cooperativa.....	12
1.2) Os pequenos caçadores-coletores	16
1.3) A brincadeira	20
1.4) Brincadeira de outros povos	24
1.4.1) Brincadeira de exercício	26
1.4.2) Brincadeira de exercício com objetos.....	35
1.4.3) Brincadeiras com movimentos finos envolvendo objetos ...	37
1.4.4) Brincadeira de construção	43
1.4.5) Brincadeira de contingência social	54
1.4.6) Brincadeira turbulenta	57
1.4.7) Brincadeira simbólica	61
1.4.8) Jogos de regras	69
 2- UM POUCO DE HISTÓRIA	 75
2.1) Índios no Brasil.....	77
2.2) A história Parakanã	80
2.3) Ambiente físico e estrutura das aldeias	87
2.4) Alguns hábitos e costumes	89
2.5) A língua	94

2.6) Dados demográficos	96
2.6.1) População Parakanã	96
2.6.2) História reprodutiva	100
2.6.3) Sobrevivência dos filhos	109
2.6.4) Curva de nascimentos	112
2.6.5) Espaçamento de nascimentos	116
2.6.6) Infanticídio entre os Parakanã	120
3- OS PARAKANÃ PARTICIPANTES DA PESQUISA	126
3.1) Histórico do contato com os índios Parakanã.....	127
3.2) A vida na aldeia Paranowaona durante a coleta de dados	143
3.3) Atividade econômica e divisão de tarefas	147
3.4) Caçadas	156
3.5) A infância entre os Parakanã	163
3.6) Orçamento de atividades das crianças	169
3.6.1) Participantes	170
3.6.2) Caracterização dos participantes	171
3.6.3) Caracterização do ambiente físico	175
3.6.4) Materiais	177
3.6.5) Procedimento de coleta de dados	177
3.6.6) Procedimento de análise de dados	178
3.6.7) Esperado vs. observado	180
3.6.8) Atividades das crianças	181
3.6.9) O trabalho das crianças	190
3.7) Frequência de brincadeira	200
3.7.1) Participantes e procedimento de coleta de dados	200
3.7.2) Procedimento de análise de dados	201
3.7.3) A brincadeira Parakanã	202
3.7.4) Companheiros de brincadeira	207
- Brincadeira grupal	209
- Brincadeira paralela	211

3.7.5) Detalhando a brincadeira simbólica	213
- Procedimento de análise de dados	214
- Pivôs	215
- Conteúdo	216
- Fazendo-de-conta	216
4 – CONCLUSÕES	222
ANEXOS	232
A – Algumas experiências na Terra Indígena Parakanã	233
B – Nome, sexo, idade e total de sessões das crianças Parakanã	240
C – Folha de registro	242
D – Total de sessões por criança	244
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	246
GLOSSÁRIO	266

LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
1.1 Distribuição geográfica dos principais grupos indígenas brasileiros mencionados no presente trabalho.	5
1.2 Crianças Parakanã subindo em um cajueiro.	27
1.3 Crianças Parakanã brincando na carroceria de uma caminhonete.	29
1.4 Grupo de crianças Parakanã usando um toco como trampolim. .	32
1.5 Grupo de crianças Parakanã nadando rio abaixo.	33
1.6 Meninos Parakanã brincando de arco e flecha.	39
1.7 Crianças Parakanã brincando de argila.	45
1.8 Objetos de argila confeccionados por crianças Parakanã.	47
1.9 Crianças Parakanã brincando de construção em areia.	48
1.10 Meninas Parakanã fazendo cestos com folha de palmeira.	50
1.11 Foto ilustrativa de um fruto de urucum.	51
1.12 Em primeiro plano, menino Parakanã de dois anos pintado pela avó.	53
1.13 Pintura corporal Parakanã.	53
1.14 Criança Parakanã usando uma tábua como barco.	62
1.15 Meninos Parakanã brincando de <i>tekatawa</i>	64
1.16 Meninos Parakanã simulando atividade dos homens na <i>tekatawa</i>	65
2.1 Homens Parakanã enfeitados com penas de urubu.	81
2.2 Vista aérea do limite da T. I. Parakanã – à direita a área demarcada, à esquerda a área de colonos e ao centro a Rodovia Transamazônica.	83
2.3 Localização da Terra Indígena Parakanã no sudeste do estado do Pará, com suas respectivas aldeias: Paranowaona, Paranatinga, Itaygo'a, Maroxewara e Inaxyganga (Adaptado de Emídio-Silva, 1998).	86
2.4 Distribuição da população indígena Parakanã (dados brutos) em função de sexo e categoria de idade.	99

2.5	Distribuição do número de partos em função das categorias de idade <i>awaete</i> (otyaro = 10,1 a 15,0 anos; oparame = 15,1 a 18,0 anos; koxarame = 18,1 a 25,0 anos; koxarame kwenkwera = 25,1 a 35,0 anos).	103
2.6	Frequência de mulheres com alguma ou nenhuma ocorrência de óbito entre os filhos em função de classe etária (otyaro = 10 a 15 anos; oparame = 15 a 18 anos; koxarame = 18 a 25 anos; koxarame kwenkwera = 25 a 35 anos).	110
2.7	Frequência relativa de mulheres com alguma ou nenhuma ocorrência de óbito entre os filhos em função da subcategoria Parakanã: oriental vs. ocidental.	111
3.1	Prática de escalada em árvore durante curso de coleta de sementes.	131
3.2	Mulheres Parakanã assando carne num moqué.	149
3.3	Tipiti usado para espremer mandioca.	151
3.4	<i>Peyra</i> usada para transporte.	152
3.5	Mulher em primeiro plano carregando lenha numa <i>peyra</i>	153
3.6	Mulher grávida carregando um de seus filhos na <i>tapaxa</i>	164
3.7	Crianças Parakanã carregando seus irmãos.	164
3.8	Cuidado entre crianças.	165
3.9	Grupo de crianças cozinhando batatas.	167
3.10	Menina de seis anos em primeiro plano, quebrando coco com uma pedra como bigorna e outra como martelo. A menina em segundo plano come os cocos quebrados.	167
3.11	Vista parcial da aldeia Paranovaona	170

3.12	Desenho esquemático da aldeia Paranowaona: 1- Cozinha de Amynyxoa, 2- Casa de Amynyxoa, 3- Cozinha de Xae'oma (Capitão da aldeia), 4- Casa de Xae'oma, 5- Casa sem uso (somente com o teto), 6- Casa de Xatirare com Karema (sua 1ª esposa), 7- Casa de Xatirare com Taekyxa (sua 2ª esposa), 8- Cozinha de Motiapewa (1º cacique), 9- Casa de Motiapewa, 10- Casa de Xowokoa, 11- Casa de Karowarywa, 12- Casa de Owypygoa (3º cacique), 13- Cozinha de Owypygoa, 14- Casa de Itinga, 15- Casa de Maxaro'a, 16- Casa de Mokaxywa, 17- Casa de Kamoria, 18- Casa de Ipyraky (2º cacique), 19- Cozinha de Ipyraky, 20- Casa de Kaiwyga, 21- Cozinha de Kaiwyga.	176
3.13	Distribuição (%) dos tipos de atividades (desoc.=desocupado, obs=observação, brinc=brincadeira, trab=trabalho, hig. pes.=higiene pessoal, alim=alimentação, conv=conversa, agr=agressão, cat=catação) em função de sexo (koxoa = meninas; akoma'e= meninos).	182
3.14	Orçamento de atividades em função de sexo e categoria de idade (desoc=desocupado, obs=observação, brinc=brincadeira, trab=trabalho, hig=higiene pessoal, alim=alimentação, conv=conversa, cat=catação, agr=agressão).	183
3.15	Frequência relativa da categoria desocupado em função de sexo e idade (koxoa = meninas, akoma'e = meninos, konomia = quatro a seis anos, otyaro = sete a 12 anos).	187
3.16	Frequência relativa da categoria alimentação em função de sexo e idade (koxoa = meninas, akoma'e = meninos, konomia = quatro a seis anos, otyaro = sete a 12 anos).	188
3.17	Frequência relativa da categoria conversa em função de sexo e idade (koxoa = meninas, akoma'e = meninos, konomia = quatro a seis anos, otyaro = sete a 12 anos).	189
3.18	Frequência relativa da categoria trabalho em função de sexo e idade (koxoa = meninas, akoma'e = meninos, konomia = quatro a seis anos, otyaro = sete a 12 anos).	190

3.19	Paneria, uma menina de cinco anos, carrega seu irmão de seis meses numa <i>tapaxa</i> (aldeia Maroxewara).	193
3.20	Casa de farinha da aldeia Paranowaona.	194
3.21	Irane (seis anos, F) quebrando cocos observada por três outras crianças.	195
3.22	Crianças colhendo batatas (aldeia Itaygo'a).	196
3.23	Irane (seis anos, F) abanando o fogo feito por ela mesma.	196
3.24	Proporção média dos tipos de brincadeira para os quais foram identificadas diferenças significativas em função da classe de idade (<i>konomia</i> = quatro a seis anos; <i>otyaró</i> = sete a 12 anos)....	205
3.25	Médias de brincadeira de construção em função de sexo (<i>akoma'e</i> = meninos, <i>koxoa</i> = meninas) e idade (<i>konomia</i> = quatro a seis anos, <i>otyaró</i> = sete a 12 anos).	206
3.26	Frequência relativa de brincadeira grupal em função do sexo e da idade da criança focal: a) Criança focal <i>konomia koxoa</i> e b) Criança focal <i>otyaró koxoa</i>	209
3.27	Frequência relativa de brincadeira grupal em função do sexo e da idade da criança focal: a) Criança focal <i>konomia akoma'e</i> e b) Criança focal <i>otyaró akoma'e</i>	210
3.28	Frequência relativa de brincadeira paralela em função do sexo e da idade da criança focal: a) Criança focal <i>konomia koxoa</i> e b) Criança focal <i>otyaró koxoa</i>	211
3.29	Frequência relativa de brincadeira paralela em função do sexo e da idade da criança focal: a) Criança focal <i>konomia akoma'e</i> e b) Criança focal <i>otyaró akoma'e</i>	212

LISTA DE TABELAS

Tabela	Página
2.1 Distribuição geográfica e os quatro grandes grupos lingüísticos dos índios brasileiros (adaptado a partir de http://www.funai.gov.br/funai.htm ; Montserrat, 1994; Rodrigues, 1984/1985)..	78
2.2 Número de habitantes em função de sexo em cada uma das aldeias, no final de 2002..	97
2.3 Média (M) e erro padrão (EP) da idade (em meses) em função de sexo em cada uma das aldeias.	98
2.4 Número de mulheres com (C) e sem (S) filhos em função de faixa etária em cada aldeia.	101
2.5 Média (M) e erro padrão (EP) da idade da mãe a cada parto.	102
2.6 Número de homens com (C) e sem (S) filhos e total de mulheres com as quais tiveram filhos em função de categoria de idade. ...	104
2.7 Média (M) e erro padrão (EP) do número de mulheres e de filhos em função de categoria de idade dos homens Parakanã. ..	105
2.8 Subconjuntos de classes etárias masculinas diferenciadas em função do número médio de mulheres.	106
2.9 Subconjuntos de classes etárias masculinas diferenciadas em função do número médio de filhos.	106
2.10 Principais características dos índios Parakanã que tinham mais de uma esposa (Emídio-Silva e Rita Almeida, comunicação pessoal).	107
2.11 Frequência de nascimentos em função de sexo e meses do ano no período de 1987 a 2002.....	113
2.12 Média (M) e erro padrão (EP) dos espaçamentos de nascimentos em meses.	117

2.13	Média (M) e erro padrão (EP) do espaçamento entre nascimentos (em meses) em função do sexo da criança que nasceu primeiro e o sexo daquela que nasceu depois (F= feminino, M= masculino).	118
3.1	Divisão de turmas na escola da aldeia Paranowaona	133
3.2	Relação dos principais animais capturados pelos índios Parakanã como fonte de alimento, de ornamentos corporais e de flechas (Magalhães, 1982, 1985; Fausto, 1997; Emídio-Silva, 1998).. ..	155
3.3	Conhecimento empírico dos índios Parakanã e informações sobre os animais da reserva indígena.....	160
3.4	Subdivisão dos participantes da pesquisa por grupo etário.	171
3.5	População da aldeia Paranowaona dividida de acordo com a categoria de idade dos Parakanã, com base em Santos (1994).. .	172
3.6	Moradores da aldeia Paranowaona organizados em famílias (os filhos estão dispostos em ordem de nascimento e os participantes da pesquisa estão em itálico).	174
3.7	Média da proporção de períodos de 30 segundos gastos nas categorias de brincadeira (contingência física, contingência social, brincadeira turbulenta, teste de limites, construção, brincadeira simbólica e jogos de regras) em função de sexo (<i>akoma'e</i> = masculino, <i>koxoa</i> = feminino) e categoria de idade (<i>konomia</i> = quatro a seis anos, <i>otyaro</i> = sete a 12 anos).	203
3.8	Média (M) e erro padrão (EP) da ocorrência de criação e transformação simbólica em função do gênero.	217
3.9	Média (M) e erro padrão (EP) da ocorrência das diferentes categorias de transformações simbólicas em função do gênero.	217
3.10	Média (M) e erro padrão (EP) dos pivôs usados nas brincadeiras simbólicas em função do gênero.	218
3.11	Média (M) e erro padrão (EP) da ocorrência dos temas das brincadeiras simbólicas em função do gênero.	219

RESUMO

Gosso, Y. *Pexe oxemoarai: brincadeiras infantis entre os índios Parakanã*. São Paulo, 2004. 267p. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Este trabalho teve como objetivo investigar o lugar da brincadeira nas atividades das crianças indígenas Parakanã e descrevê-las no contexto do modo de vida desses índios. Os índios Parakanã ainda mantêm muitas de suas tradições culturais, tais como, a língua, o preparo da farinha, a pintura corporal, as reuniões diárias (*tekatawa*) para solução de problemas da aldeia, a caça e os festejos. A população é predominantemente jovem e o espaçamento de nascimentos é de aproximadamente dois anos e meio. Foram observadas 29 crianças indígenas Parakanã (16 F e 13 M), de quatro a 12 anos, da aldeia Paranowaona, sudeste do estado do Pará. O método de observação utilizado foi sujeito focal com sessões de cinco minutos. O número médio de sessões para cada criança foi 11. As crianças foram subdivididas nas classes etárias *konomia* (quatro a seis anos) e *otyaro* (sete a doze anos), conforme categoria de idade dos próprios índios. Os resultados indicaram que: a) as crianças passam a maior parte do seu tempo brincando; b) meninas trabalham mais que meninos; c) a brincadeira simbólica e a de construção ocorrem com maior frequência entre as crianças mais jovens e posteriormente começam a surgir os jogos de regras; d) crianças brincam com companheiros do mesmo sexo e grupo etário; e) as brincadeiras simbólicas são representações muito próximas das atividades dos adultos. De uma maneira geral, as crianças Parakanã passam a maior parte do seu tempo brincando em seu próprio mundo. A partir de dois ou três anos, começam a brincar em grupo sem supervisão de adultos. Elas não só representam a vida adulta que observam livre e abundantemente, mas parecem recriá-la, como se fosse uma cultura peculiar, específica: a cultura da brincadeira.

ABSTRACT

Gosso, Y. *Pexe oxemoarai: Children's play in the Parakanã Indians*. São Paulo, 2004. 267p. Doctoral Thesis. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This study aims to investigate the role of play in the activities of Parakanã Indian children, as well as to describe their play using the context and the way of life of these Indians. The Parakanã Indians preserve many of their cultural traditions, such as their language, the preparation of manioc flour, body painting, daily meetings (*tekatawa*) to deliberate on the village's problems, game hunting and festive celebrations. Their population is predominantly young and births occur approximately with a two-and-a-half-year gap between them. Twenty-nine Parakanã children (16 F and 13 M) from 4 to 12 years of age and from the Paranowaona village, located in the southeast region of Pará State, were observed. The focal sample method was applied with 5-minute sessions. The average number of sessions for each child was 11. The children were subdivided in age classes, namely: *konomia* (four to six years old), *otyaró* (seven to twelve years old), according to the Indians' own age categorization. The results point out that a) children spend most of their time playing; b) girls work more than boys; c) the symbolic, as well as the construction play occur more often among young children and games with rules start to emerge subsequently; d) children play with same-sex and age-class peers; e) their symbolic play is a very close representation of the adults' activities. In general, Parakanã children play most of the time and in their own world. From two to three years old they start playing in groups, without any adult supervision. They not only depict the adult life that they observe freely and abundantly, but also recreate it as if it were a very peculiar and specific culture: the culture of playing.

Apresentação

Foto: R. de Cássia Almeida

Esta tese descreve a vida dos índios Parakanã, habitantes do sudeste do estado do Pará, especialmente as atividades das crianças. Para realizar este trabalho, permaneci na aldeia Paranowaona por seis meses, de janeiro a julho de 2000. Entretanto, meu contato com os índios Parakanã começou em 1998, durante o curso de mestrado no Departamento de Psicologia Experimental da Universidade Federal do Pará. A maior parte do presente trabalho foi feita com base na experiência que tive em 2000, mas muitas das impressões a respeito desses índios foram sendo construídas desde o primeiro contato até a última visita, em março de 2003, quando permaneci por cerca de 40 dias na reserva. Ao todo, foram quatro visitas, totalizando, aproximadamente, nove meses de convívio com os índios Parakanã.

Quando fiz a seleção para o mestrado, não imaginava que teria a oportunidade de trabalhar com índios. Meu projeto era menos ousado. Pretendia trabalhar com reconhecimento da expressão facial de raiva, entrevistando crianças da periferia de Belém. No final do primeiro ano de mestrado, surgiu a oportunidade de visitar a aldeia Paranatinga, dentro da reserva dos índios Parakanã, para dar um curso aos professores da aldeia. Não tive dúvidas e aceitei imediatamente.

Não tinha idéia nenhuma de como era o lugar. Avisaram-me que não havia luz, nem telefone, teria que dormir em rede e que os alojamentos eram feitos de madeira e telhado de palha, com várias frestas nas paredes. Disseram também que havia gatos do mato, cobras, escorpiões, ratos, etc. Com toda essa descrição, comecei a achar que o lugar seria mais interessante do que imaginava. Achei que seria uma oportunidade única e não desisti.

A partir do primeiro contato, foi possível programar uma outra visita, na qual coletei parte dos meus dados do mestrado e continuei mantendo contato com os dirigentes do Programa Parakanã, entidade que assiste os índios Parakanã desde 1987. Posteriormente, quando fiz a seleção para o doutorado, voltei a conversar com o Sr. José Porfírio Carvalho – responsável pelo Programa Parakanã – e com Cláudio Emídio-Silva – coordenador do subprograma de educação do Programa Parakanã – para discutir a possibilidade do meu trabalho ser realizado em uma das aldeias. Fui

muito bem recebida e pude iniciar imediatamente a coleta de dados, com todo o apoio do Programa Parakanã.

Assim, comecei a coleta de dados que deu origem a esta tese. Como a maior parte do trabalho é descritiva, relatando fatos ocorridos durante a minha permanência na aldeia, a linguagem utilizada está mais próxima da oralidade, na 1ª pessoa do singular. Quando apresento dados quantitativos, analisados durante o curso, com o auxílio de minha orientadora, passo a utilizar a 1ª pessoa do plural. Optei por esse estilo porque não me sentiria à vontade para contar os acontecimentos de maneira impessoal, usando uma linguagem mais formal. Quanto à mudança do pronome pessoal, posso justificar da seguinte forma: fui só para a aldeia coletar os dados, mas tive auxílio ao analisá-los.

A tese está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta o modo de vida de sociedades caçadoras-coletoras e de algumas sociedades indígenas. A descrição das brincadeiras das crianças Parakanã está intercalada com a de outros grupos indígenas brasileiros.

O segundo capítulo apresenta a história dos índios Parakanã desde os primeiros contatos até os dias de hoje. Além disso, inclui dados demográficos e de fertilidade que comparei com informações de povos caçadores-coletores. As informações demográficas dos índios Parakanã foram obtidas através de registros disponíveis na sede do Programa Parakanã, entidade que dá assistência aos índios.

O terceiro capítulo descreve as quatro visitas à Terra Indígena Parakanã, as atividades desenvolvidas em cada uma delas, as primeiras impressões e a vida na aldeia Paranowaona durante a coleta de dados para o doutorado, quando permaneci por seis meses na aldeia. Descreve também como as crianças gastam o seu tempo, a frequência das brincadeiras, com quem elas brincam e quais os componentes da brincadeira de faz-de-conta.

O quarto capítulo encerra o trabalho, confrontando os objetivos iniciais com as conclusões e apresenta outras possibilidades de estudo.

Nem tudo o que foi planejado foi possível cumprir e houve momentos de dificuldade, como em qualquer outro trabalho. Entretanto, durante a convivência com os índios Parakanã, obtive muitas informações que não esperava. Este trabalho pretende mostrar todas essas informações e também algumas das dificuldades encontradas ao longo da coleta de dados.